

O BATISMO COMO UM RITO DE PASSAGEM DO HOMEM VELHO PARA O HOMEM NOVO

Antônio Lopes Ribeiro

Doutor e Mestre em Ciências da Religião/PUC-GO; especialista em Diálogo Ecumênico e Inter-religioso (FAJE/ITESC); graduado em Pedagogia (UCB) e Teologia (CST).
E-mail: antlopes@senado.gov.br

Resumo: No decorrer de sua existência, desde o nascimento à morte, o homem passa por experiências que afetam o seu ser ontológico, seu status e papéis sociais. Em muitas culturas, tais experiências são descritas como ritos de passagem, que consiste sempre no abandono de uma realidade antiga, para se viver uma realidade nova. Na perspectiva do cristianismo, tal passagem é fortemente significada pelo batismo, entendido como 'passagem', como 'porta'. Este artigo se refere ao batismo como um rito de passagem do homem velho para o homem novo, não como algo acabado, mas como algo a ser alcançado no decorrer da vida, tendo como caminho a ser percorrido, o caminho que Cristo percorreu com sua cruz.

Palavras-chave: Batismo. Rito de passagem. Homem velho. Homem novo. Sagrado e profano.

Abstract: Along his existence, from birth till death, man goes through experiences that affect his ontological being, his status and social roles. In many cultures these experiences are described as passage rituals, that always consists in the abandonment of an ancient reality in order to live a new reality. In christianism's perspective this passage is strongly denoted by baptism, understood as "passage", "door". This article refers to baptism as a ritual of passage from the old man to the new man, but not like something finished, ready, but as something to be reached through life, having as way to be followed, the way covered by Christ with his cross.

Keywords: Baptism. Passage Ritual. Old man. New man. Sacred and profano.

Resumen: A lo largo de su existencia, desde el nacimiento hasta la muerte, el hombre pasa por experiencias que afectan su ser ontológico, su status y papeles sociales. En muchas culturas, tales experiencias son descritas como ritos de paso, que consisten siempre en el abandono de una realidad antigua, para vivirse una realidad nueva. En la perspectiva del cristianismo, tal paso es fuertemente significado por el bautismo, entendido como 'paso', como 'puerta'. Este artículo se refiere al bautismo como un rito de paso del hombre viejo al hombre nuevo, no como algo acabado, mas como algo a ser alcanzado a lo largo de la vida, tiendo como camino a ser recorrido, el camino que Cristo recorrió con su cruz.

Palabras clave: Bautismo. Rito de paso. Hombre viejo. Hombre nuevo. Sagrado y profano.

Sommario: Nel decorrere della sua esistenza, dalla nascita alla morte, l'uomo passa attraverso esperienze che influenzano il suo essere ontologico e la sua vita sociale. In molte culture, tali esperienze sono descritte come riti di passaggio, che consistono sempre nell'abbandono di una realtà antica, per viverne una nuova. Nella prospettiva del cristianesimo, questo passaggio si incarna pienamente nel battesimo, inteso come "passaggio", come "porta". Questo articolo si riferisce al battesimo come ad un rito di passaggio dall'uomo vecchio all'uomo nuovo, non come un processo definito, ma come qualcosa da raggiungersi nel decorso della vita, avendo come cammino da percorrere, lo stesso cammino che Cristo ha percorso con la sua croce.

Parole chiave: Battesimo. Rito di passaggio. Uomo vecchio. Uomo nuovo. Sacro e profano.

Résumé: *Tout au long de son existence, de la naissance à la mort, l'homme subit des expériences qui affectent leur être ontologique, leur statut et les rôles sociaux. Dans de nombreuses cultures, de telles expériences sont décrites comme des rites de passage, qui consistent toujours à l'abandon d'une vieille réalité, pour vivre dans une nouvelle réalité. Dans la perspective du christianisme, ce passage est fortement*

signifié par le baptême, compris comme 'passage', comme 'porte'. Cet article se réfère au baptême comme un rite de passage du vieil homme à l'homme nouveau, non pas comme quelque chose de fini, mais comme quelque chose à atteindre pendant la vie, avec le chemin à parcourir, le chemin que le Christ marchait avec sa croix.

Mots-clés: *Baptême. Rite de passage. Homme vieil. Homme nouveau. Sacré et profane.*

1 INTRODUÇÃO

A história do povo judeu se caracteriza por acontecimentos ligados à caminhada num processo de superação e de evolução na forma de crer, fortemente marcada por ritos de passagem, significando sempre uma ruptura com influências das religiões de culturas com as quais entrava em contato, para um modo próprio de processar e de expressar a crença no transcendente. Nesse processo de individuação da própria crença religiosa, o povo escolhido por Deus aos poucos foi se distanciando do politeísmo e se definindo como um povo de crença monoteísta. Numa das possíveis leituras do dramático sacrifício de Isaac, relatado pela tradição eloísta, pode-se perceber um rito de passagem de uma religião politeísta para uma religião monoteísta, em que se abandonam os sacrifícios humanos¹, um costume próprio da religião Cananeaia (praticada por antigos habitantes da terra de Canaã, expulsos pelo povo de Israel, após o êxodo).

O Deus no qual acreditamos é um Deus da vida e não da morte. Em razão disso, a vítima (Isaac) é substituída por um cordeiro. Mas esse episódio marca uma mudança substancial na forma de crer do povo judeu, definindo-se como um rito de passagem, implicando um distanciamento cada vez maior do politeísmo (ao abandonar a prática de sacrifícios humanos, de

¹ De acordo com uma das várias interpretações do texto dramático que descreve o sacrifício de Isaac, de acordo com Carlos M. Martini (1992, p. 93-94), "Abraão enganou-se, isto é, imaginou que Deus lhe pedia o sacrifício do filho; presenciara os sacrifícios humanos dos cananeus e, tendo-os na conta de heróicos, excogitou: também eu deveria fazer o mesmo; permaneceu no engano até o momento em que Deus o iluminou".

origem Cananeia), rumo a um monoteísmo, crença essa que serviria de base para três religiões: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Assim como esse, existem vários outros ritos de passagem no judaísmo e também no cristianismo, dentre os quais destacamos o batismo.

Neste artigo, veremos o batismo como um rito de passagem², que implica o abandono do homem velho, que dá lugar ao homem novo³, considerando aqui a pessoa batizada em sua fase adulta, já que a criança batizada não tem capacidade de absorver o sentido e as implicações subjetivas do batismo.

2 A INCOMPLETUDE DO SER HUMANO E A IDEIA DE UM NOVO NASCIMENTO

Conforme descreve Mircea Eliade (1996, p. 152), nas sociedades primitivas, o homem não se considera acabado assim como “se encontra ao nível natural da existência: para se tornar um homem propriamente dito, deve morrer para esta vida primeira (natural) e renascer para uma vida superior, que é ao mesmo tempo religiosa e cultural”. Desse modo, o homem primitivo “coloca seu ideal de humanidade num plano sobre-humano”, tornando-se um homem completo somente após ter ultrapassado ou mesmo abolido a humanidade natural, numa experiência iniciática paradoxal de morte e ressurreição. O homem religioso traz em si o desejo de ser diferente “do que se encontra ao nível ‘natural’, esforçando-se por fazer-se segundo a imagem ideal que lhe foi revelada pelos mitos” (ELIADE, 1996, p. 152). Esse ser diferente leva necessariamente a um simbólico renascimento, muito bem expressado por João, no quarto Evangelho.

² O primeiro dos sete sacramentos da Igreja católica, o batismo como rito de passagem resulta numa mudança ontológica no status de uma pessoa. É inevitável a associação do batismo como uma passagem de um estado de morte para a vida. Para Paulo, o batismo era visto como uma participação da morte e ressurreição de Cristo: “Não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Portanto pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm 6, 3-4).

³ O homem novo de que tratamos aqui não é aquele de Simmel, na contraposição do homem moderno ao homem do futuro (novo). O homem novo de Simmel não é um ser concreto, mas uma “ideia supra-singular”, uma “esperança” cujo tempo é o “futuro” (WAISBORT, 2000, p. 276).

No âmbito do Cristianismo, o ser humano é marcado por dois nascimentos: um biológico, que significa simplesmente o 'vir ao mundo', e um simbólico, que corresponde a um nascimento espiritual. É nesse sentido que em João 3,5, Jesus responde a Nicodemos que para entrar no Reino de Deus é preciso "nascer da água⁴ e do Espírito", assinalando, assim, a necessidade de um rito de passagem, pelas águas do batismo, que significa um nascimento espiritual⁵. Ao falar sobre a incompletude do ser humano ao nascer, Mircea Eliade (1996, p. 147-148) sugere a necessidade de um novo nascimento:

"Todos os rituais e simbolismos da 'passagem' exprimem uma concepção específica da existência humana: uma vez nascido, o homem ainda não está acabado; deve nascer uma segunda vez, espiritualmente; torna-se homem completo passando de um estado imperfeito, embrionário, a um estado perfeito, de adulto. Numa palavra, pode-se dizer que a existência humana chega à plenitude ao longo de uma série de ritos de passagem, em suma, de iniciações sucessivas" (ELIADE, 1996, p. 147-148).

No diálogo de Jesus com Nicodemos, vemos essa ideia da necessidade de nascer de novo. O Evangelho de João (Jo 3,3) sugere que o nascer de novo equivale ao nascer do alto. Isso gera certa confusão para Nicodemos, pois no primeiro sentido, ele entende Jesus, ao perguntar-lhe se seria possível entrar novamente no seio materno para nascer de novo (Jo 3,4). Por seu lado, impassível, Jesus continua a falar desse nascimento, mas em outro sentido: "do alto", por tratar-se de nascer "da água e do Espírito" (Jo 3,5).

⁴ Como dizia São Clemente de Alexandria (apud GONZÁLEZ-CARVAJAL, 1992, p. 156), "a água salvífica é ao mesmo tempo um sepulcro e um seio materno que transforma os batizados nos 'recém-nascidos de Deus'".

⁵ Rito de passagem por excelência, enquanto sacramento, o batismo "procurava integrar o recém-nascido à comunidade cristã, [...] tratava-se de um segundo nascimento, um nascimento social e religioso que definia desde a tenra idade a religião e, por consequência, o conjunto de valores pelos quais o indivíduo deveria se pautar (VENÂNCIO apud LOPES, 1998, p. 194).

O novo nascimento sugerido por Jesus a Nicodemos, segundo Taborda (2001, p. 65), “não é novo simplesmente por repetir um fenômeno já acontecido. É novo num sentido qualitativo. *Anothen*⁶ não significa meramente ‘outra vez’, mas também ‘do alto’, de Deus, do Espírito, daquela esfera da realidade de onde Jesus vem e a que, como Verbo encarnado, continua a pertencer”. A inacabação ou incompletude do ser humano, na perspectiva cristã, é solucionada, portanto, por um renascimento, pelas águas do Batismo, em que o neófito passa a viver a condição de uma nova criatura. Mesmo que isso constitua um processo perene aqui na terra, de uma eterna busca de conversão, o anseio por ser esse homem novo em Cristo, já caracteriza uma passagem do homem velho para o homem novo.

3 O BATISMO ENQUANTO RITO DE PASSAGEM

No Judaísmo, quando pessoas consideradas pagãs se sentiam atraídas pela crença em um Deus monoteísta, eram submetidas a um rito de purificação levítica, pela água (ao lado da circuncisão). Esse rito de purificação que havia no AT, na sua versão grega (*Septuaginta*), é indicado com o termo *báptein* (tabbál, em hebraico), a partir do qual se originou a forma interativa *baptizein*, usada no NT. Os dois termos significam “imersão”, “mergulhar”⁷, “lavar”, “purificar”. Daí se origina o batismo cristão, que ganha qualidade em Jesus Cristo, que se deixa batizar por João Batista⁸.

Devido ao mandado de Jesus aos seus discípulos, de anunciar o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15), a comunidade cristã passa a ser

⁶ Palavra grega utilizada em João 3,3 e Gálatas 4,9 inclui a ideia de nascer de novo, como ação de Deus que dá nova vida aos que creem (RYRIE, 2004, p. 379).

⁷ De acordo com Rubem Alves (p. 150), “a submersão nas águas é morte, dissolução no caos primitivo. O passado, juntamente com o Eu, é reduzido ao Nada. E o emergir das águas é o milagre de uma vida recém-formada, que nenhuma ligação tem com o anterior, o símbolo do ‘novo nascimento’”.

⁸ O batismo que Jesus recebe de João além de simbolizar a passagem do Antigo para o Novo Testamento, simboliza também a passagem de sua vida oculta à vida pública, indicando ao mesmo tempo, para os seus discípulos, que o “novo batismo”, a ser por Ele introduzido, “marcará a passagem para uma ‘vida nova’: elevará o humano ao divino” (GRINGS, 2002, p. 25).

essencialmente uma comunidade missionária. Por seu próprio caráter, a mensagem evangélica passa a atrair aqueles que nela acreditam. Ao expressarem seu desejo de entrar para essa comunidade, os novos crentes passam necessariamente pelo rito do batismo. Esse rito, que tem suas raízes no Antigo Testamento, portanto, não é exclusivo do cristianismo. Encontramo-lo em outras religiões da Antiguidade, tendo em comum o sentido de purificação da culpa, como renascimento, como rito de transição. Nos tempos de Jesus, havia pelo menos três tipos de ritos de purificação pela água, incluindo o do próprio Judaísmo, com: o “batismo dos prosélitos”, que marcava o ingresso de pagãos convertidos àquela religião; o “batismo de Qunrã”, que consistia em banhos de purificação, como rito de admissão dos judeus entre os “filhos da Aliança”; e o batismo de arrependimento ou “batismo de penitência”, praticado por João Batista, no rio Jordão, como rito de passagem preparatório ao tempo messiânico (SILVA, 2002, p. 121).

A comemoração da passagem pelo mar vermelho, marcando a libertação da escravidão do povo judeu, é comemorada num evento litúrgico de valor central para o judaísmo, que é a Páscoa (que significa passagem). Essa Páscoa é ressignificada no Novo Testamento, ganhando um sentido pleno em Jesus Cristo, em seu ato redentor, significando a libertação da humanidade da escravidão do pecado e da morte. Assim, da mesma forma com que se comemorava a Páscoa judaica como a libertação da escravidão, por meio da passagem pelo Mar Vermelho, comemora-se a Páscoa cristã, simbolizando nossa libertação da escravidão do pecado, pela paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Esse evento tornou-se tão especial para o cristianismo que Tertuliano sugere que “o dia mais solene para o batismo é por excelência o dia da Páscoa, em que é consumada a paixão do Senhor”. O rito do batismo, enquanto um rito de passagem, era celebrado no dia do “Aleluia”, na noite do sábado santo, dia em que

Jesus Cristo fez sua páscoa, ao “passar” da morte para a vida⁹. Com efeito, conforme um documento da Tradição Apostólica, em princípio do século III, “aqueles que estavam para ser batizados jejuavam na sexta-feira e no sábado e então começavam uma vigília que durava toda a noite do sábado para o domingo. Ao cantar do galo, na hora da ressurreição na manhã de Páscoa, eles eram batizados sob as águas e com Cristo se levantavam como que dentre os mortos” (WHITE, 1997, p. 42). Seguindo essa tradição, o novo ritual da Igreja para o batismo pede que o mesmo seja celebrado sempre que possível, no domingo, dia em que a liturgia católica comemora o mistério pascal. Desta forma, “o cristão faz sua passagem, sua páscoa da morte do pecado para a vida do amor, passagem da escravidão do homem velho para a libertação da novidade do homem criado conforme a vontade de Deus” (GÓIS, 1986, p. 34).

Considerado o sentido teológico, o rito do batismo ainda comporta funções sociológicas e antropológicas. De acordo com José Carlos Pereira (2012, p. 17), “trata de acolher um membro num grupo social, numa comunidade, propondo uma mudança no seu modo de existir perante a sociedade”. O batismo, que geralmente ocorre pouco tempo depois do nascimento, afilia, inicia e incorpora a criança ou pessoa adulta na comunidade e na religião. É uma cerimônia na qual se dá “a admissão de uma pessoa, criança ou adulta, ao *status* de católico”, passando por meio desse rito, “a pertencer oficialmente à Igreja, estando, portanto, supostamente sob sua égide e seu controle”. Como um rito não só de passagem, mas também de iniciação (cristã), o batismo implica um sinal de pertença religiosa uma vez que “se assenta o novo membro nos

⁹ O batismo, a passagem da morte para a vida, tem como elemento simbólico essencial a água. A água é, portanto, símbolo de vida e de morte. Como símbolo de vida, temos como exemplo, o líquido amniótico no seio materno, em meio ao qual é gestado o ser humano. Nesse sentido, a água constitui símbolo de fertilidade, fecundidade e vida. Contudo, quando referida às catástrofes desencadeadas pela natureza, no caso do dilúvio, de tsunamis, de inundações, de chuvas torrenciais, por exemplo, a água torna-se símbolo de morte. Essa dupla vertente de vida e morte, a vemos como simbolismo religioso, sobretudo no Batismo cristão, em que se enfatiza seu aspecto mais positivo como fonte de vida (ALDAZÁBAL, 2005, p. 158), quando o batizando mergulha na água morrendo como homem velho, emergindo dela como um homem novo.

livros de registros eclesiásticos que, posteriormente, serão consultados por ocasião dos demais sacramentos que a pessoa for receber, como, por exemplo, a primeira Eucaristia, Crisma, Matrimônio e Ordem” (PEREIRA, 2012, p. 17).

De fato, o batismo é um rito de iniciação fundamentado na “afiliação, pertença e, conseqüentemente, no controle religioso e social do fiel, tendo em vista que [...] autoriza e legitima essa relação de vínculo, com privilégios e obrigações como qualquer acordo, pacto ou contrato de associação”¹⁰ (PEREIRA, 2012, p. 18), estabelecendo uma relação entre fiel, Igreja e divindade, conforme deixa transparecer o Ritual Romano quando diz que “todos são batizados, enxertados nele por morte semelhante à de Cristo, juntamente com ele sepultados na morte, são convificados e conressuscitados com ele” (RITUAL, 1999, p. 15). Nesse sentido, o batismo, ao imprimir uma marca indelével na pessoa, torna-se um sinal de pertença do fiel a Cristo e à sua Igreja. Enquanto sinal de pertença, o batismo introduz, portanto, o neófito no cristianismo, estabelecendo uma conexão entre conduta, dom do Espírito e comunhão entre os que creem em Jesus Cristo, como único Senhor e Salvador. Além de sinal de pertença ao cristianismo, pela fé que se abraça, na catequese católica, o batismo é considerado uma porta de entrada para os demais sacramentos. Como “porta”, subentende-se um lugar por onde se passa, num sentido metafórico; representa também, para muitos, a passagem de uma vida profana para uma vida espiritual, passando-se a viver na qualidade de cristão, na comunidade dos crentes, em que, na linguagem de Arnold Van Gennep (2013), a pessoa é colocada no limiar da Igreja, momento este entendido como de agregação à religião Católica.

Mircea Eliade (1996, p. 146-148) aponta a existência de diversas modalidades de passagem: “das trevas à luz (Sol), da preexistência de uma raça humana à manifestação (antepassado mítico) da Vida à Morte e à nova

¹⁰ “Com o batismo, a Igreja aparece como um grupo que propõe um modo de vida, uma visão de mundo conforme ao passado e aberta ao porvir que convém transmitir aos filhos como patrimônio religioso e também cultural. O batismo exige deles [os batizados] fidelidade” (GONZÁLEZ, 2007, p. 25).

existência *post-mortem* (a alma)". O autor sublinha a existência de "uma 'abertura' superior" (que significa "a direção ascensional para o Céu, o desejo de transcendência") em toda forma de "Cosmos", inclusive o corpo humano. O significado desse simbolismo de abertura torna melhor compreensível "a passagem de um modo de ser a outro, de uma situação existencial a outra". A passagem lembra a travessia do Mar Vermelho, no êxodo dos judeus, rumo à Terra Prometida. De acordo com Henri J. M. Noywen (1999, p. 314), essa experiência da passagem foi vivida por Jesus, que experimentou o próprio êxodo em sua vida, em seu sofrimento e morte na cruz rumo à casa do Pai. Este é o verdadeiro sentido do batismo de Jesus. Ele próprio pergunta a seus discípulos se eles poderiam ser batizados com o batismo que seria batizado (Mc 10,38). Assim, quando Paulo fala sobre nosso batismo, ele se refere a um batismo na morte de Jesus (Rm 6,4). No sentido que estamos enfocando aqui, do batismo como um rito de passagem, ser batizado significa fazer a mesma passagem feita pelo povo de Israel e por Jesus, "da escravidão à liberdade e da morte à vida nova".

Esse simbolismo da passagem se faz fortemente presente na vida familiar e cotidiana do homem religioso, sob a forma de ritos, marcando as principais fases da vida. Com efeito, os ritos estão presentes em todas as esferas da sociedade, em qualquer cultura, como elementos que marcam a vida cotidiana. Desde o nascimento à morte, o ser humano experimenta mudanças essenciais em sua vida, com momentos específicos que são muitas vezes exteriorizados por ritos simbolizando a passagem de uma realidade antiga a uma realidade nova. A esses ritos denomina-se como "de passagem", para assinalar a saída de um ciclo da vida a outro, de uma dada realidade para o ingresso em uma nova realidade, constituindo-se uma mudança de status, como, por exemplo, se dá com o casamento, em que se passa de uma vida de solteiro a uma vida de casado, assumindo-se novos papéis. Assim teríamos o rito de passagem como uma cerimônia que "marca o status de uma pessoa com relação à família e outros grupos sociais", com alteração

de papéis (PITZELE, 1991, p. 52), que para Eliade (1996, p. 148), “equivale a uma passagem de um modo de ser a outro e opera uma verdadeira mutação ontológica” no batizando. Ou seja, passa do ser simplesmente “uma criatura” para a condição de filho ou filha de Deus.

Os ritos de passagem se caracterizam pela saída de uma situação anterior e a entrada numa nova situação, pela passagem do velho para o novo. Nas diversas fases da vida, desde o nascimento à morte, o ser humano passa pela experiência de diversos ritos de passagem. Comum em diversos grupos sociais, fazendo-se presente em diversas culturas, como vimos, o rito de passagem é uma cerimônia reconhecida socialmente que significa a transição de um *status* social a outro (JOHNSON, 1997, p. 201). Em nível simbólico, o rito de passagem significa a morte de uma existência antiga para uma nova existência, de um antes para um depois. Segundo Jack Kornfield (2002, p. 50), um rito de passagem “é como passar por um desfiladeiro tão estreito que não nos permite levar bagagem – um renascimento que nos obriga a abandonar a antiga vida”.

Os ritos de passagem, como observa Eliade (1996, p. 150) exercem um importante papel na vida do homem religioso, podendo ser visibilizado nos principais momentos da vida humana: nascimento, casamento e morte, implicando sempre “uma mudança radical de regime ontológico e estatuto social”. No caso específico do batismo, ao nascer, a criança dispõe somente de uma existência física, não sendo reconhecida ainda pela família e nem acolhida pela comunidade. Após o batismo, aí sim, a criança é reconhecida pela família como filha de Deus e é acolhida na comunidade cristã.

Van Gennep (2013, p. 29-30) descreve o rito de passagem enumerando três características: separação, margem e agregação. No sentido dado por ele, referente ao batismo católico, numa primeira fase temos o momento da separação correspondente à vida da criança anterior ao batismo, em que ela é tida no imaginário católico como uma “criatura”, um pagão ou pagã, e não como filho ou filha de Deus. Ou seja, não é cristã, daí a ideia de

separação. Na sequência, temos o momento da margem, correspondente à fase em que a criança é levada à Igreja pelos pais para ser batizada. Esse momento corresponde à preparação do batismo, com a obrigatoriedade de pais e padrinhos de realizarem o curso para esse sacramento, estando a criança no limiar¹¹ de ingresso na religião cristã, mais especificamente, no catolicismo. Inicia-se, assim, o processo de entrada para a comunidade cristã, que tem seu ponto máximo na celebração do rito batismal, em que a criança finalmente receberá o sinal de pertença, a marca indelével, impressa por esse sacramento. Terminado o batismo, a criança passa a pertencer, oficialmente, à Igreja, tornando-se cristã, sendo vista não mais como “coisa”, “criatura”, “pagã”, mas como filha de Deus. Esse é o terceiro momento, da agregação, que significa a inclusão do batizando no universo religioso cristão. Todo esse processo nada mais é do que uma transformação, uma mudança de um status social a outro, conforme defende Van Gennep (2013).

4 O SAGRADO E O PROFANO E A ANTÍTESE HOMEM VELHO E HOMEM NOVO

Falar em batismo como rito de passagem implica estabelecer a clássica separação entre sagrado e profano, como duas realidades distintas, imersas no mundo social, referentes à transcendência e à imanência. A superação de uma vida profana para uma experiência de vida espiritual, nas sociedades arcaicas, encerra um simbolismo da morte e de um novo nascimento. No morrer para o homem velho¹², dando lugar ao nascimento de um homem novo, essa morte simbólica “significa a superação da condição profana, não santificada, à condição do ‘homem natural’, ignorante do sagrado, cego

¹¹ Eliade (1996, p. 148) afirma que o limiar “concretiza tanto a delimitação entre o ‘fora’ e o ‘dentro’, como a possibilidade de passagem de uma zona a outra (do profano ao sagrado)”.

¹² No contexto pós-moderno, em que prevalece a centralidade do indivíduo, em que há um deslocamento do teocêntrico (Deus como centralidade) para o antropocêntrico (o homem é a centralidade), da militância comunitária para uma militância individualista, o homem velho corresponde a esse indivíduo pós-moderno, considerado um super-homem, um indivíduo autônomo em suas decisões, com todos os “ismos” que o acompanham: individualismo, egoísmo, hedonismo, narcisismo, utilitarismo, niilismo etc.

para o espírito" (ELIADE, 1996, p. 156). O morrer para a condição profana e o renascer para o mundo sagrado (para o mundo dos deuses) têm um papel importante nas religiões evoluídas. Tanto no judaísmo quanto no cristianismo, o simbolismo do nascimento para uma vida superior, uma vida do espírito, como acesso à espiritualidade, foi retomado e valorizado. Mesmo que mude seu sentido de uma religião para outra, o tema do segundo nascimento "enriquece-se com novos valores, que mudam às vezes radicalmente o conteúdo da experiência", prevalecendo, porém, um elemento comum, um invariante, definido por Eliade (1996, p. 163) como "o acesso à vida espiritual [que] implica sempre a morte para a condição profana, seguida de um novo nascimento", para a vida sagrada. A essa morte para o mundo profano e um renascer para o mundo sagrado, denominamos de passagem do homem velho para o homem novo.

Quando o homem experimenta a graça de Deus em sua vida, seu ser se divide em dois. Segundo Josep Otón Catalán (2008, p. 45), "uma série de dinamismos se alinha contra essa invasão e outra se rende diante de sua presença. A parte que se rebela contra a ação de Deus em nosso interior é o que conhecemos como homem velho. A que se submete à ação do Espírito Santo é o homem novo". Enquanto o homem velho (o primeiro Adão) é fruto da maculação da obra de Deus pelo pecado, tendo como preocupação principal seu próprio Eu, sua imagem, seu bem-estar, interessando-se somente por aquilo que vem ao encontro de seus interesses, colocado pela ciência e pela técnica como centro do universo (num deslocamento do teocêntrico para o antropocêntrico), tornando-se num "homem sem espírito, um especialista sem coração" (WEBER, 2004); por seu lado, o homem novo "é um embrião da vida divina; uma semente da eternidade; um germe do sobrenatural. É a parte divina do ser humano, a parte que conserva o ser imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26)". É onde o alento divino reside (Gn 2,7). É o anúncio vivo da Nova Criação (2Cor 5,17 e Ap 21,1) (CATALÁN, 2008, p. 45). Por fim, o homem velho é um homem sem Deus no coração e o homem

novo é aquele que, pelo batismo, decide viver na graça de Deus. De um lado temos o homem carnal, que vive conforme os valores deste mundo, e de outro, temos o homem espiritual, que vive em conformidade com os valores absolutos, ensinados pela moral cristã. Segundo Borriello (2003, p. 120), “é através do aniquilamento do homem velho que se chega à verdadeira vida em Cristo”. É preciso morrer para viver. Jesus morreu no lugar do homem velho, para que com Ele ressuscitemos como homens novos.

Essa antítese “homem velho” e “homem novo” é um dos principais temas das cartas de Paulo. De forma indireta, na Carta aos Romanos: “vesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne” (Rm 13,14) e aos Gálatas: “todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo” (Gl 3,27). De forma direta, aos Colossenses e aos Efésios. Quem se submete ao batismo é transformado em um homem novo, passando a viver uma nova vida. Com efeito, em Jesus Cristo, pelo batismo somos configurados como “homem novo” (Cl 3,9-10) e tornados partícipes da vida divina. Mas para isso, é preciso viver em conformidade com a lei divina, que o orienta em seu agir, realizando-se como homem novo, de forma que “tudo o que fizerdes, por palavra ou ação, fazei-o no nome do Senhor Jesus, dando graças a Deus que é pai, por ele” (Cl 3,17). Na Carta aos Efésios, os batizados são exortados a se renovarem interiormente, revestindo “o homem novo criado segundo Deus na justiça e na santidade que vêm da verdade” (Ef 4,24). Para isso ele tem um protótipo, Jesus Cristo, vivendo como Ele viveu e de acordo com o que pediu que o homem vivesse.

Em Lucas (Lc 23,50; At 3,14), encontramos Jesus como o homem justo por excelência, o homem novo, modelo e ao mesmo tempo autor de todo homem novo nele. Desde esse ponto de vista, segundo Giuseppe Segalla (1992, p. 133) Lucas apresenta o Jesus histórico, que com a sua caminhada compreendida em sentido moral-espiritual, indica “o caminho que todo homem deveria percorrer, na renúncia total de si mesmo, na liberdade interior, no amor que se despoja de tudo até a morte de cruz, entregando-se

sempre e com toda a confiança à vontade e ao amor do Pai". Para esse autor, Jesus não só indica o caminho como modelo, mas "ajuda a percorrê-lo com o mistério salvífico da sua morte-ressurreição e com o dom pascal do Espírito. Por isso é não só modelo, mas também causa do homem novo". Em Paulo, mais que sob guia ou modelo, Jesus é apresentado como "causa", o "segundo adão", em contraposição ao primeiro (1Cor 15,22-45; Rm 5, 12-21). Aqui, o aspecto antropológico é baseado por Paulo na cristologia. "Para ele, o homem verdadeiro, autêntico, não pode ser mais que o homem novo, criado em Cristo mediante a fé¹³, o batismo na sua morte e ressurreição e o poder do Espírito".

É objetivo estabelecido por Deus tornar os homens "semelhantes à imagem do seu Filho" (Rm 8,29; cf. Cl 1,18; Fl 3,21), resgatando, assim, por meio da renovação, aquela imagem de Deus, conforme a qual era o homem no plano original de Deus, no paraíso. Tendo Jesus como arquétipo a ser seguido, todo homem, para ser verdadeiramente "novo", "deveria olhar para Cristo, contemplar nele o que significa ser homem e encontrar nele a força para sê-lo". A passagem do homem velho (semelhante ao primeiro Adão), para o homem novo (à semelhança em Cristo), simbolizada pelo ritual do batismo, como um rito de passagem, tem como consequências para aquele que se compromete a viver sua fé em plenitude, se configurar a Cristo, homem novo por excelência, que, mesmo tendo vivido numa cultura e momento histórico específico, e que tenha assumido os seus costumes, contudo, superou-o amplamente (SEGALLA, 1992, p. 133).

5 A PASSAGEM DO HOMEM VELHO PARA O HOMEM NOVO

Através do batismo, a pessoa é enxertada na verdadeira videira, para dar frutos ao longo da existência. Nas palavras de Jesus, no Evangelho de João,

¹³ De acordo com Peter Knauer (1989, p. 93), batismo é, por excelência, o sacramento da fé. A fé, enquanto dom de Deus aos homens é manifesta no ritual do batismo, tornando-se pública. Como sacramento da fé, o batismo somente deve ser administrado a quem, de fato, aceita a fé. No caso do batismo de crianças, como essas não podem afirmar essa fé, os pais que pedem seu batismo, tem que assumir o compromisso de educá-las na fé cristã.

Ele nos diz: "Aquele que crê em mim, mesmo que morra, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim não morrerá jamais" (Jo 11, 25-26). É esse o verdadeiro sentido da ressurreição: "Ela nos arranca do reino da morte para nos introduzir na vida, no coração de nossa vida terrestre, essa é a verdadeira novidade, a possibilidade especificamente cristã da qual o Cristo veio nos gratificar". É deste modo, que nos libertamos da angústia da morte, experimentando a ressurreição. "Aprendemos a arte de passar por esta terra como o Cristo passou. Vivenciamos nossas páscoas". Na verdade, quem assume o compromisso do batismo¹⁴ e busca estar com Deus em sua vida, certamente seguirá com Ele após a passagem da morte (MIRANDA, 1999, p. 167).

Nessa perspectiva, a passagem do homem velho para o homem novo, de uma realidade profana, para uma realidade sagrada, que acontece pelo rito do batismo, sugere uma mudança radical de vida, de libertação do passado, para uma vida nova em Cristo, no Espírito Santo. Trata-se de um acontecimento pascal, em que "a passagem do homem velho ao homem novo em Cristo sinaliza a primeira conversão", de forma tal que "com o começo novo desaparece a escravidão sob as potestades do mal e funda-se, de maneira definitiva, a esperança". Portanto, o batismo se liga "indissolúvelmente ao começo novo da cruz e da ressurreição de Cristo" (KONINGS; ZILLES, 1997, p. 324), marcando o início de uma nova existência a ser vivida de forma cristã. Esse começo de vida nova, proporcionado pelo batismo, não se dissocia da fé. De fato, antes de ser um ato pontual, o batismo é um caminho de vida e nesse sentido, fé e batismo se colocam em relação dialética: a fé conduz ao batismo e o batismo conduz à fé. "Fé e batismo permanecem unidos. Isso, contudo não significa que a fé pessoal deva preceder cronologicamente ao batismo. O caminho da iniciação cristã não chega à meta com a fé e o batismo. Continua durante toda vida" (KONINGS; ZILLES, 1997, p. 326).

¹⁴ Pelo batismo, o cristão se torna um homem comprometido com Cristo, sua vida e ensinamentos. Porém a vida cristã "é um suceder-se de oásis e de desertos", em que se corre o risco de "se deixar vencer pelo desânimo, almejando os tempos passados na escravidão" (MIRANDA, 1993, p. 96), e não olhar com esperança para o futuro.

A fé a que a vivência do batismo a leva, não é uma fé passiva, mas ativa, uma fé laborativa, de compromisso com a vida cotidiana. É ponto pacífico que “ninguém será, em verdade, ‘homem novo’, se não renovar consigo também o mundo que o circunda” (TABORDA, 2001, p. 64). Ou seja, a condição de homem novo, passa necessariamente pela dimensão social, a espelhar-se, sobretudo na opção de Jesus pelos pobres, pelos pequeninos, pelos sofredores. Como se espera de fato, do verdadeiro homem novo, comprometido pelo seu batismo, a vida nova proporcionada por esse sacramento de entrada, que é porta para os demais sacramentos, animada pelo Espírito, “só poderá ser credível em nossas latitudes ao traduzir-se em vida concreta na justiça e no direito em face dos excluídos”. Trata-se de uma fé que “age pela caridade” (Gl 5,6). De forma unívoca, fé e batismo numa perspectiva ontológica, transformam a pessoa em nova criatura, “porque o amor de Deus, manifesto em Cristo e aceito na fé pela ação do Espírito é uma realidade histórica com dimensões inter-humanas e abrangência universal e impele a novo relacionamento social e cósmico” (TABORDA, 2001, p. 64).

Assim, a prática dessa fé laboral, tem uma dimensão social, na qual o “homem novo” deixa para traz o “homem velho” marcado pelo egoísmo e se abre para a alteridade, saindo de si mesmo, em direção ao outro. Pela fé e pelo batismo, de acordo com Taborda (2001, p. 63), o Espírito Santo implanta no batizando uma novidade escatológica que possui múltiplas dimensões:

É uma realidade pessoal, mas também cósmica; diz respeito a cada um individualmente, mas está enraizada na comunidade de fé e tem repercussões na sociedade; é ação da liberdade humana, mas obra de Deus; é graça, mas se traduz em ações concretas; é escatológica, mas acontece já na história; origina-se da adesão de fé a Cristo, mas está sacramentalmente ligada ao batismo (TABORDA, 2001, p. 63).

Todas essas dimensões geram uma tensão dinâmica entre si, quando do esforço de se viver uma vida nova em Cristo, nessa passagem do homem velho para o homem novo, em que muitas vezes, o homem velho persiste em continuar a existir na nova condição de cristão, de filho de Deus.

6 CONCLUSÃO

Nessa passagem do homem velho para o homem novo, destacamos algumas possibilidades de estacionamento numa região acomodatória para uns, mas desconfortável e geradora de tensões, para outros. Não poucos são aqueles que ficam à penumbra, entre a luz e a sombra, vivendo uma pseudoespiritualidade, do tipo fariseu, um homem velho com aparência de homem novo, cuja motivação, apesar de realizar ações piedosas, está centrada no mérito e no reconhecimento. Pratica uma teologia minimalista, atendendo unicamente àquilo que exigem as normas e interditos religiosos, sem, contudo, ir além, como exige uma vida altruísta, motivada pela fé, abraçada pelo batismo. Até mesmo as realizações de seu homem novo são motivo de orgulho, neutralizando, dessa forma, seu processo de santificação. Também existem aqueles que apresentam uma imagem forjada de espiritualidade, de um homem novo, mantendo por trás o homem velho, ao manipular a religião em benefício próprio, como acontece nos dias de hoje, com alguns líderes religiosos que colocam a religião não a serviço de Deus, mas a serviço do homem, fazendo dela uma religião funcionalista.

A passagem do homem velho para o homem novo, que tem por motivação a busca sincera de uma vida nova em Cristo, cria um estado de constante tensão no ser humano, devido à convivência do homem velho e o homem novo numa mesma pessoa, atuando e pensando de modo diferente, com tendências totalmente contraditórias, em que se polarizam o orgulho e a humildade, o amor e o ódio, o desejo de fazer o bem e a preguiça. Segundo Catalán (2008, p. 46), “mesmo quando seus sentimentos coincidem, a motivação é diferente”. Daí o conflito interior, responsável por gerar um insuportável estado de tensão emocional, na luta entre o homem velho e o homem novo, pois “mesmo quando os seus sentimentos coincidem, a motivação é diferente”, e, ao cometerem erros, os dois sofrem. Porém “um sofre por seu amor próprio ferido, e o outro, pelas consequências de seus

equivocos¹⁵. Um se alegra com seus êxitos porque alimentam sua vaidade, e o outro, pelos frutos positivos que daí podem resultar”.

De acordo com Catalán (2008, p. 46), ao crescer, o homem novo pode deparar-se com um homem velho forte e reticente à mudança, resultando disso uma luta sangrenta. “O ser humano encontra-se dividido em duas frentes. O amor é o bálsamo desse combate. Um ambiente afetivo positivo suaviza a agonia do homem velho. O amor comunitário torna-o vulnerável”. De fato, o cristão sincero, que procura viver seu batismo com todas as forças, perseguirá esse ideal de homem novo por toda a sua vida, com os altos e baixos próprios do ser humano. É algo a ser construído por toda a vida e não fruto de uma passagem mecânica do homem velho para o homem novo. Nesse sentido, essa passagem se dá no decorrer da vida inteira, em meio a avanços e retrocessos, mas permanecendo sempre uma luz ao final do túnel, que quando enfim alcançada, pode-se falar de uma conversão definitiva, já em estado de santidade.

Ao dissertar sobre o livro de Roger Mehl sobre a condição do filósofo cristão, Paul Ricoeur (1996, p. 141) fala que o homem novo será revelado somente no último dia e que esse homem somente pode ser afirmado na expectativa do Retorno, permanecendo como objeto de fé e não de visão. Esse autor cita Mehl, para quem “o caráter da fé cristã é precisamente o de ligar-se apenas ao que é tão objetivo que permanece totalmente fora de nosso domínio”. Complementa afirmando que “o homem novo cresce em mim sem que me pertença”. Mesmo se após o batismo o homem continue inacabado, mergulhado em sua incompletude, contudo, o batismo como um rito de passagem proporciona no batizando esse desejo constante de abandono do homem velho, para assumir definitivamente, mesmo que na

¹⁵ A diferença do homem velho para o homem novo não se prende ao fato de o homem velho pecar e o homem novo jamais fazê-lo. A diferença está em que o homem velho, por ser escravo do poder do pecado, não sente necessidade de não pecar, e o homem novo, por estar livre dessa escravidão, sente-se incomodado quando peca, pois sabe que se distancia da graça de Deus em sua vida. Assim, tão logo peca, sente uma dor profunda em seu coração, somente aliviada no confessionário, quando então experimenta novamente a graça de Deus.

realidade escatológica, o homem novo, à semelhança de seu protótipo: Jesus Cristo. Portanto, a passagem do homem velho para o homem novo, simbolizada pelo batismo como um rito de passagem, não se dá de forma mecânica, acabada, mas como algo a ser alcançado ao longo da vida, tendo o caminho a ser percorrido, o mesmo que Cristo percorreu, lembrando que não se abraça o sacramento de entrada, que é porta para todos os outros sacramentos, sem abraçar a cruz de Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALDAZÁBAL, J. *Gestos e Símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BORRIELLO, L. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Loyola, 2003.
- CATALÁN, J. O. *Guia da vida interior*. São Paulo: Loyola, 2008.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GÓIS, J. de D. *Breve curso sobre os sacramentos*. 6. Ed. São Paulo: Loyola, 1986.
- GONZÁLEZ, R.. *Piedade popular e liturgia*. São Paulo: Loyola, 2007.
- GONZÁLEZ-CARVAJAL, L. *Nossa fé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- GRINGS, D. D. *Mateus: o evangelista da felicidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- JOHNSON, A.G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- KNAUER, P. *Para compreender nossa fé*. São Paulo: Loyola, 1989.
- KONINGS, J. M. H.; ZILLES, U. *Religião e cristianismo*. 7. ed. Porto: EDIPUCRS, 1997.
- KORNFIELD, J. *Depois do êxtase, lave a roupa suja: Como o coração fica mais sábio no caminho espiritual*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- LOPES, E. C. *O revelar do pecado: os filhos ilegítimos na São Paulo do século XVIII*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 1998.
- MARTINI, C. M. *Abraão nosso pai na fé*. São Paulo: Loyola, 1992.

MIRANDA, E. E. de. *Agora e na hora: Ritos de passagem à eternidade*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MIRANDA, F. M. A. *Deus continua lhe falando...* São Paulo: Loyola, 1993.

NOUWEN, H. J. M. *Pão para o caminho: diário de sabedoria e fé*. São Paulo: Loyola, 1999.

PEREIRA, J. C. *Os ritos de passagem no catolicismo: cerimônias de inclusão e sociabilidade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

PITZELE, P. Adolescentes vistos pelo avesso: psicodrama intrapsíquico. In: HOLMES, Paul; KARP, Marcia (Orgs.) *Psicodrama: Inspiração e técnica*. Tradução de Eliana Araujo Nogueira do Vale. São Paulo: Ágora, 1991.

RICOEUR, P. *Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996.

RYRIE, C. C. *Teologia Básica ao alcance de todos*. Traduzido por Jarbas Aragão. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SEGALLA, G. *A Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1992.

SILVA, J. A. da. Jesus Cristo e a celebração do culto. In: MIRANDA, M. de F. (Orgs.). *A pessoa e a mensagem de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2002.

TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma*. São Paulo: Loyola, 2001.

WAISBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP; Ed.34, 2000.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

WHITE, J. F. *Introdução ao culto cristão*. Tradução de Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1997.